



UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS
CENTRO DE EDUCAÇÃO, HUMANIDADES E SAÚDE DE
TOCANTINÓPOLIS
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Cleiton Simnãkrã Xerente

**A IMPORTÂNCIA DOS JOGOS E BRINCADEIRAS TRADICIONAIS
XERENTE NO ÂMBITO EDUCACIONAL**

Tocantinópolis/TO
2025

Cleiton Simnãkrã Xerente

**A IMPORTÂNCIA DOS JOGOS E BRINCADEIRAS TRADICIONAIS
XERENTE NO ÂMBITO EDUCACIONAL**

Artigo avaliado e apresentado à UFNT – Universidade Federal do Norte do Tocantins – Centro de Educação, Humanidades e Saúde de Tocantinópolis, Curso de Licenciatura em Educação Física para obtenção do título de graduação e aprovação em sua forma final pela Orientadora e pela Banca Examinadora.

Orientadora: Dr^a [Milena Pedro de Moraes](#)

Tocantinópolis/TO
2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Geração de Ficha Catalográfica SGFC-UFNT

Gerado automaticamente mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

X6i Xerente , Cleiton .
A IMPORTÂNCIA DOS JOGOS E BRINCADEIRAS
TRADICIONAIS XERENTE NO ÂMBITO EDUCACIONAL /
Cleiton Xerente . - Centro de Educação, Humanidades e Saúde
- CEHS, TO, 2025.
28 f.

Artigo de Graduação (Graduação - em Educação Física
Licenciatura) -- Universidade Federal do Norte do Tocantins,
2025.

Orientadora: Milena Pedro de Moraes.

1. Formação de professores. 2. Jogos e Brincadeiras
Xerente. 3. Interculturalidade.

CDD 613.707

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Cleiton Simnãkrã Xerente

A IMPORTÂNCIA DOS JOGOS E BRINCADEIRAS TRADICIONAIS XERENTE NO ÂMBITO EDUCACIONAL

Artigo avaliado e apresentado à UFNT – Universidade Federal do Norte do Tocantins – Centro de Educação, Humanidades e Saúde de Tocantinópolis, Curso de Licenciatura em Educação Física para obtenção do título de graduação e aprovação em sua forma final pelo (a) Orientador(a) e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 06 / 12 / 2025

Banca Examinadora:

Prof (a). Dr (a). [Milena Pedro de Moraes](#)- UFNT

Profº Drº Adriano Filipe Barreto Grangeiro

Profº Drº Adriano Lopes de Souza

Tocantinópolis, 2025.

Dedico este trabalho aos meus pais, Juarez Srêzê Xerente e Iza Wakrarê Xerente, pelo apoio incondicional, pelos ensinamentos e pelo incentivo constante na realização deste sonho acadêmico.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, por me permitir realizar este sonho, concedendo-me força, sabedoria e perseverança para chegar até aqui.

Aos meus pais, Juarez Srêzê Xerente e Iza Wakrarê Xerente, deixo minha eterna gratidão pelo amor, incentivo e apoio incondicional em todos os momentos da minha trajetória. Estendo esse agradecimento a todos os meus familiares, que sempre acreditaram em mim e estiveram presentes nos desafios e nas conquistas.

Expresso também minha gratidão à Universidade, por proporcionar um ambiente de aprendizado e crescimento, e a todos os professores, pelo compartilhamento de conhecimentos com dedicação, compromisso e sensibilidade.

De forma especial, agradeço à minha orientadora, Prof.^a Milena de Pedro de Moraes, pela paciência, compreensão e pelas orientações valiosas, fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho e para meu amadurecimento acadêmico.

Aos colegas e amigos do curso, agradeço pela amizade, pelo apoio e pelas trocas de experiências ao longo dessa caminhada, que tornaram o percurso mais leve e enriquecedor.

Por fim, agradeço a todas as pessoas que, de alguma maneira, contribuíram para a concretização deste sonho. Cada gesto de apoio e cada palavra de incentivo foram essenciais para que este momento tão significativo se tornasse realidade.

SUMÁRIO

RESUMO:	8
ABSTRACT:	8
INTRODUÇÃO	9
DESENVOLVIMENTO DO ARTIGO	11
Ancestralidade e o significado da Cultura Xerente	11
O Contexto Cultural Dos Jogos Akwê-Xerente	13
Experiências de brincadeira, aprendizado e pertencimento	14
O Dasipê e o valor coletivo das brincadeiras	14
A escola e o lugar dos saberes tradicionais	15
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	15
RESULTADOS E DISCUSSÕES	17
CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
LIMITAÇÕES DO ESTUDO E RECOMENDAÇÕES PARA PESQUISAS FUTURAS	27
REFERÊNCIAS	28

A IMPORTÂNCIA DOS JOGOS E BRINCADEIRAS TRADICIONAIS XERENTE NO ÂMBITO EDUCACIONAL

Cleiton Simnãkrã Xerente¹, Milena Pedro de Morais²

RESUMO:

O objetivo geral foi analisar a importância dos jogos e brincadeiras indígenas no âmbito educacional, destacando sua contribuição para a valorização da cultura indígena, o desenvolvimento integral dos alunos e a promoção de uma educação intercultural e inclusiva. Este estudo de natureza qualitativa, constitui -se por uma narrativa autobiográfica, buscando articular produções acadêmicas e experiências vivenciadas pelo autor na comunidade Akwẽ-Xerente. A partir de experiências vivenciadas pelo autor na comunidade Xerente e de estudos sobre educação e cultura indígena, o trabalho evidencia o potencial pedagógico dessas práticas, alinhadas à Lei nº 11.645/2008, que estabelece o ensino da história e cultura dos povos indígenas nas escolas. Conclui-se que a inserção dos jogos e brincadeiras tradicionais no currículo escolar é essencial para a construção de uma educação mais inclusiva, crítica e humanizadora, que valorize os saberes dos povos originários.

Palavras-chaves: jogos e brincadeiras; cultura indígena; educação intercultural; povo Akwẽ-Xerente; currículo escolar.

The Importance of Traditional Xerente Games and Play in Education

ABSTRACT:

The overall objective was to analyze the importance of indigenous games and play in the educational context, highlighting their contribution to the appreciation of indigenous culture, the integral development of students, and the promotion of intercultural and inclusive education. This qualitative study consists of an autobiographical narrative, seeking to articulate academic productions and experiences lived by the author in the Akwẽ-Xerente community. Based on experiences lived by the author in the Xerente community and studies on indigenous education and culture, the work highlights the pedagogical potential of these practices, aligned with Law No. 11.645/2008, which establishes the teaching of the history and culture of indigenous peoples in schools. It concludes that the inclusion of traditional games and play in the school curriculum is essential for building a more inclusive, critical, and humanizing education that values the knowledge of the original peoples. **Keywords:** games and play; indigenous culture; intercultural education; Akwẽ-Xerente people; school curriculum.

Keywords: games and play; indigenous culture; intercultural education; Akwẽ-Xerente people; school curriculum.

¹ Colocar a formação do/a autor/a, seu local de trabalho e e-mail para contato.

² Colocar a formação do/a autor/a, seu local de trabalho e e-mail para contato.

INTRODUÇÃO

O projeto tem como objetivo pesquisar os jogos e brincadeiras indígenas que representam um patrimônio cultural de imenso valor, que transcende a simples diversão e se insere no âmbito educacional como uma ferramenta pedagógica poderosa. Essas práticas lúdicas, enraizadas nas tradições dos povos originários, não apenas preservam e difundem a cultura indígena, mas também promovem a educação intercultural, o respeito às diferenças e a valorização da diversidade étnica. Ao serem integrados ao ambiente escolar, esses jogos e brincadeiras oferecem uma oportunidade única de aprendizado, onde os alunos podem desenvolver habilidades motoras, cognitivas e sociais, além de construir uma consciência histórica e cultural mais ampla.

Em um contexto educacional marcado pela necessidade de inclusão e respeito às múltiplas identidades que compõem a sociedade brasileira, os jogos e brincadeiras indígenas emergem como uma estratégia eficaz para abordar a diversidade cultural. Eles proporcionam uma vivência prática que vai além dos livros didáticos, permitindo que os alunos experimentem e compreendam as tradições, valores e modos de vida dos povos indígenas. Essa abordagem não só enriquece o currículo escolar, mas também contribui para a formação de cidadãos mais conscientes e tolerantes, capazes de reconhecer e valorizar as diferentes culturas que integram o Brasil.

Cabe destacar que, apesar da riqueza cultural dos povos indígenas, observa-se uma ausência ou presença muito limitada dos jogos e brincadeiras tradicionais indígenas nas aulas de Educação Física escolar, realidade que motivou a realização deste estudo. Neste sentido, este trabalho foi desenvolvido por meio de uma pesquisa de abordagem qualitativa, fundamentada na análise bibliográfica e na narrativa autobiográfica do autor, indígena do povo Akwê-Xerente, articulando produção acadêmica e vivências culturais.

Além disso, os jogos indígenas, como as corridas de tora, o cabo de guerra e o arremesso de lança, trazem consigo ensinamentos sobre cooperação, estratégia e superação, valores essenciais para o desenvolvimento integral dos indivíduos. Ao serem utilizados como recurso pedagógico, esses jogos estimulam a autonomia, a criatividade e o pensamento crítico, preparando os alunos para lidar com desafios de forma construtiva e solidária. Dessa forma, a inserção dos jogos e brincadeiras indígenas no âmbito educacional não apenas fortalece a identidade cultural dos povos originários, mas também contribui para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

Neste contexto, consideramos a importância da seguinte questão norteadora para o desenvolvimento deste estudo : Como os jogos e brincadeiras indígenas podem ser efetivamente integrados ao currículo escolar para promover uma educação intercultural, valorizar as tradições dos povos originários e contribuir para o desenvolvimento integral dos alunos, respeitando as especificidades culturais e pedagógicas das comunidades indígenas?

Cabendo ressaltar que a integração de jogos e brincadeiras indígenas no currículo escolar promove uma educação intercultural mais efetiva, contribuindo para o desenvolvimento cognitivo, social e emocional dos alunos, ao mesmo tempo em que valoriza e preserva as tradições culturais dos povos originários. Essa prática pedagógica pode fortalecer a identidade cultural dos estudantes indígenas e promover o respeito à diversidade entre os não indígenas, desde que haja uma formação adequada dos professores e uma abordagem que respeite as especificidades culturais e educacionais das comunidades envolvidas.

A justificativa deste estudo reside na necessidade de promover uma educação intercultural que valorize e preserve as tradições dos povos originários, ao mesmo tempo em que contribui para o desenvolvimento integral dos alunos. Os jogos e brincadeiras indígenas são mais do que atividades lúdicas; são expressões culturais que carregam saberes ancestrais, valores comunitários e práticas pedagógicas que podem enriquecer o ambiente escolar.

A cultura indígena é parte fundamental da identidade brasileira, mas ainda é pouco representada e valorizada no currículo escolar. Os jogos e brincadeiras indígenas oferecem uma oportunidade de resgatar e preservar essas tradições, permitindo que os alunos conheçam e respeitem as diferentes formas de vida e saberes dos povos originários. Essa abordagem contribui para a superação de estereótipos e preconceitos, promovendo uma visão mais inclusiva e plural da sociedade.

Essas práticas lúdicas estimulam habilidades motoras, cognitivas e sociais, como cooperação, estratégia, agilidade e coordenação motora. Além disso, os jogos indígenas são atividades coletivas que incentivam a solidariedade e o trabalho em equipe, valores essenciais para a formação de cidadãos mais conscientes e colaborativos.

A integração dos jogos e brincadeiras indígenas no currículo escolar promove uma educação intercultural, onde os alunos aprendem a valorizar a diversidade cultural e a reconhecer a contribuição dos povos indígenas para a formação da sociedade brasileira. Essa prática pedagógica é alinhada com a Lei nº 11.645/08, que estabelece a obrigatoriedade do ensino da história e cultura indígena nas escolas, contribuindo para uma educação mais inclusiva e democrática (BRASIL, 2008)

A utilização dessas atividades como recurso pedagógico exige uma formação adequada dos professores, que devem estar preparados para abordar temas relacionados à diversidade cultural e à educação intercultural. Essa prática reflexiva permite que os educadores criem estratégias pedagógicas inovadoras, utilizando os jogos e brincadeiras indígenas como ferramentas para o ensino e a aprendizagem.

Em síntese, a inserção dos jogos e brincadeiras indígenas no âmbito educacional é essencial para promover uma educação que respeite e valorize a diversidade cultural, contribuindo para o desenvolvimento integral dos alunos e para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

Desta forma, como objetivo geral buscaremos analisar a importância dos jogos e brincadeiras indígenas no âmbito educacional, destacando sua contribuição para a valorização da cultura indígena, o desenvolvimento integral dos alunos e a promoção de uma educação intercultural e inclusiva.

Como objetivos específicos, almejamos investigar como os jogos e brincadeiras indígenas podem ser integrados ao currículo escolar como ferramentas pedagógicas eficazes; identificar os benefícios dessas práticas lúdicas para o desenvolvimento motor, cognitivo e socioemocional dos alunos e contribuir para a valorização e o respeito às tradições culturais dos povos indígenas, combatendo estereótipos e preconceitos.

DESENVOLVIMENTO DO ARTIGO

Ancestralidade e o significado da Cultura Xerente

O povo indígena Akwẽ-Xerente, situado no estado do Tocantins, manifesta uma riqueza cultural singular, revelada em práticas cotidianas que integram corporeidade, território, natureza e espiritualidade. O estudo de suas práticas culturais — especialmente aquelas associadas ao lazer — demonstra aspectos de resistência, pertencimento e identidade que desafiam e contrastam com as concepções ocidentais de tempo livre, lazer e consumo. Com base no artigo de Soares e Debortoli (2018), este trabalho propõe analisar os elementos da territorialidade, da alteridade, da sustentabilidade e do lazer entre os Akwẽ-Xerente, com o objetivo de valorizar as concepções próprias de vivenciar o mundo e, ao mesmo tempo, contribuir para o reconhecimento e a promoção da diversidade cultural nos espaços educativos.

Nesse sentido, é relevante trazer também relatos de experiências que reforçam a importância da ancestralidade na constituição identitária. Sou Cleiton Simnãkrã Xerente, tenho 31 anos, sou indígena da etnia Xerente, natural da cidade de Tocantínia, no Tocantins. Atualmente sou concluinte do curso de Licenciatura em Educação Física pela Universidade Federal do Norte do Tocantins.

A cultura Xerente é construída pelas tradições ancestrais, que se manifestam por meio de rituais, da organização social pelos clãs, da prática da caça e do artesanato em capim-dourado, uma das principais formas de subsistência. Fazem parte desse patrimônio as ferramentas tradicionais, como bordunas, arcos e flechas, além da língua. Nesse contexto, a festa cultural Dasípe representa o momento em que todas as práticas culturais se reúnem: corrida de tora, corrida de varinha, pinturas corporais dos clãs, batismo de crianças, cantorias, danças e a transmissão dos saberes dos anciãos para os jovens. Todas essas expressões fortalecem e dão grande valor à cultura Xerente (BRINGEL et al., 2020).

A memória familiar reforça o papel da resistência cultural. A vida dos meus pais, Juarez Srêzê Xerente e Iza Wakrarê Xerente, é marcada pela superação. Segundo eles, a vida antigamente era muito difícil para os indígenas. Meu pai, por exemplo, percorria 16 km da Aldeia Porteira Nrôzawi até Tocantínia para estudar. Mesmo diante de tantas dificuldades, conseguiu concluir o ensino médio e se tornar professor bilíngue, prestando serviço à FUNAI. Minha mãe, ao contrário, não teve oportunidade de estudar, pois se dedicou a cuidar da família. Ainda assim, exerceu um papel fundamental ao nos criar e educar. Além disso, é uma artesã reconhecida, confeccionando bolsas e fruteiras de capim-dourado para a venda.

Contemporaneamente, observa-se que a cultura Xerente ainda resiste ao processo de aculturação dos não indígenas, mas enfrenta desafios. Nota-se que os jovens sofrem influências da vida urbana, o que coloca em risco sua identidade cultural, pois alguns acabam se envolvendo com bebidas alcoólicas e drogas. Ao longo da minha vida acadêmica, percebi a importância de preservar as práticas culturais do povo Xerente, pois as futuras gerações precisam se reconhecer em um povo com cultura e identidade próprias.

Nesse cenário, a escola indígena assume um papel essencial no fortalecimento cultural. De acordo com a Lei nº 11.645/2008, que estabelece a obrigatoriedade do ensino da história e cultura indígena nos currículos, torna-se imprescindível que a educação escolar se constitua como espaço de transmissão e valorização das tradições (BRASIL, 2008). A escola que ensina sobre a cultura Akwê-Xerente na aldeia tem papel fundamental. A educação indígena deve priorizar a transmissão cultural para as crianças, garantindo que elas vivenciem as tradições. Dessa forma, vão crescendo com maior consciência e valorização de sua

identidade, e a escola se torna uma grande aliada na preservação e fortalecimento da cultura Xerente.

Esse compromisso também se revela nas práticas de estágio e formação docente. Durante meu estágio na Escola Estadual Mãtyk, na aldeia São José de Tocantinópolis, escolhi vivenciar de perto a realidade do meu povo Akwê-Xerente. Embora os Apinajé, povo local, tenham cultura diferente, o ambiente escolar indígena me motivou a estagiar nesse espaço. Essa experiência foi significativa, pois futuramente, como professor, pretendo atuar na minha própria comunidade, contribuindo para a formação e valorização da cultura do meu povo.

O Contexto Cultural Dos Jogos Akwê-Xerente

Sou Cleiton Simnãkrã Xerente, da etnia indígena Xerente, nascido e criado na aldeia do município de Tocantínia, Tocantins, filho de Juarez Srêzê Xerente e Iza Wakrarê Xerente. Desde os primeiros anos da minha vida, cresci imerso em um ambiente profundamente conectado com as tradições do meu povo. A minha infância dentro da aldeia foi cercada por jogos, brincadeiras, histórias e ensinamentos, vivências que moldaram minha percepção de mundo e me ensinaram a importância do coletivo, da oralidade e da escuta dos mais velhos. Foi uma experiência de aprendizado que não veio somente da socialização com outras crianças, mas também dos meus pais e dos anciãos da comunidade, os quais sempre tiveram um papel essencial na transmissão dos saberes tradicionais. Todos esses momentos foram importantes e me proporcionaram um laço identitário com a cultura do meu povo Akwê-Xerente, fortalecendo minha compreensão de pertencimento e de valorização dos nossos costumes.

Neste contexto, os jogos Akwê-Xerente são compreendidos como práticas que expressam os modos de vida desse povo, indo além da diversão e assumindo um papel de construção de identidade cultural (BRINGEL et al., 2020, p. 2). Essa perspectiva confirma o que vivi na infância na minha aldeia, onde cada brincadeira ensinava respeito, cooperação e pertencimento. Por essas razões, os jogos e brincadeiras Akwê-Xerente merecem também ser contextualizados na educação intercultural, como forma de fortalecer a cultura e ampliar os processos de aprendizagem nas escolas indígenas.

Experiências de brincadeira, aprendizado e pertencimento

Essas vivências se manifestavam, sobretudo, na forma como as crianças Akwê-Xerente se relacionavam com o meio natural, que para nós não é apenas um espaço físico, mas um território sagrado, fonte de aprendizado, proteção e espiritualidade. O contato das crianças Akwê-Xerente com a natureza acontece de forma orgânica e constante, pois ela não é apenas o cenário de nossas vivências, mas também fonte de aprendizado, proteção e espiritualidade. Uma das brincadeiras que mais praticávamos no rio era a "pega da onça" (hukurê). Nessa brincadeira, a pessoa escolhida é chamada de onça, e seu objetivo é tocar alguns dos participantes. Ao conseguir tocar alguém, a onça passa a ser essa pessoa. Essa dinâmica simples, mas profundamente simbólica, além de nos divertir, nos ajudava a desenvolver habilidades físicas como agilidade, velocidade, resistência e reflexo. Também nos ensinava a lidar com o medo e a elaborar estratégias em grupo, sempre de forma respeitosa.

Como apontam Bringel et al. (2020, p. 6), a “pega da onça” é uma brincadeira tradicional de perseguição e fuga, que envolve agilidade, resistência e colaboração, sendo amplamente praticada entre as crianças Akwê-Xerente. Essa descrição reforça as memórias que trago e mostra o quanto essas práticas contribuem para o desenvolvimento motor e social das crianças.

Foi na infância que aprendi a fazer arco e flecha de brinquedo com as demais crianças daquela aldeia. A curiosidade em compreender o funcionamento dos instrumentos tradicionais sempre nos impulsionava à criação e à experimentação. Fazíamos isso por curiosidade em saber como lançar a flecha, mas sempre com muito cuidado. Para não oferecer perigo de acidentes, colocávamos caroço de bacaba na ponta da flecha. Como o arco e flecha original oferece perigo de acidentes, nossos pais não podiam permitir que fizéssemos de forma semelhante. Esse cuidado expressava o zelo dos mais velhos, mas também a liberdade que nos davam para reinventar e ressignificar as tradições de maneira segura e adaptada à infância. Foi assim que desenvolvemos formas criativas de brincar com segurança, respeitando os ensinamentos dos nossos mais velhos. No final, a flecha com caroço na ponta fazia um lançamento perfeito, e isso nos enchia de alegria e orgulho, pois era como se estivéssemos participando do saber ancestral através do brincar.

O Dasipê e o valor coletivo das brincadeiras

Além das brincadeiras do dia a dia, as festas tradicionais também foram momentos centrais da minha formação cultural. Outras práticas de jogos e brincadeiras Akwẽ-Xerente que pude vivenciar aconteceram durante a festa cultural (Dasipê), um evento de extrema importância para a nossa comunidade. Entre essas atividades está a corrida da tora de buriti (kuiwdê). A corrida era dividida em dois grupos de jovens, com uma distância de aproximadamente 1,5 km, aonde o grupo que chegava em primeiro era o vencedor. Esse momento era mais do que uma competição: era um exercício de força coletiva, resistência física e espírito de grupo. A corrida de taquara (tkibu) também acontecia nesse evento. Formavam-se dois grupos, e ela ocorria em forma de revezamento ou em uma distância de 100 metros. Essas corridas promoviam não só o desenvolvimento do corpo, mas também valores como disciplina, cooperação e respeito às regras comunitárias.

A festa cultural (Dasipê) era um momento em que pude conhecer também os cânticos, as danças, a nomeação de crianças, a divisão dos seis clãs e os ensinamentos sobre o respeito pelo próximo. Neste sentido, os jogos e brincadeiras dos Akwẽ-Xerente são compreendidos como ferramentas que integram o corpo, a cultura e o aprendizado, proporcionando desenvolvimento físico, social e simbólico (BRINGEL et al., 2020, p. 8).

A escola e o lugar dos saberes tradicionais

Foi nesse contexto de vivência cultural que também se deu o meu contato com a escola. Foi na aldeia que eu tive alfabetização para ler e escrever, não só em língua portuguesa, mas também na nossa língua materna Akwẽ-Xerente. Meus pais sempre me incentivaram a estudar; diziam que a escola é um bom caminho para o meu futuro. Posso dizer que o ambiente escolar foi muito significativo no meu processo de aprendizagem, embora eu sentisse falta da abordagem dos nossos jogos e brincadeiras na escola, pois a escola só oferecia jogos de vôlei e futebol.

Segundo Bringel et al. (2020, p. 10), ao serem incorporadas nas escolas, essas práticas lúdicas possibilitam a valorização das culturas indígenas, promovendo a diversidade, a identidade étnica e o aprendizado coletivo. Essa ausência motivou este trabalho, com o objetivo de contribuir para que a escola também acolha os saberes ancestrais, em cumprimento à Lei nº 11.645/08.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Essa pesquisa tem como base a investigação para analisar a importância dos jogos e brincadeiras indígenas no âmbito educacional. Trata-se de uma abordagem qualitativa, que, de acordo com Minayo (2007), permite uma análise contextualizada das práticas culturais e sua relação com o processo pedagógico, priorizando a voz dos participantes e a interação entre pesquisadores e comunidade. Essa metodologia possibilita compreender como os jogos indígenas podem ser integrados ao currículo escolar, promovendo uma educação intercultural e inclusiva.

Kishimoto (2003) aborda a importância dos jogos e brincadeiras no contexto educacional, destacando que o brinquedo, quando escolhido voluntariamente, proporciona diversão, prazer e até desprazer, mas também possui uma função educativa. Ele ensina algo que completa o indivíduo em seu saber, seus conhecimentos e sua apreensão do mundo. Conforme Kishimoto (2003, p. 18), "brincar e jogar são processos dotados de natureza livre, típicos de uma educação que integra o lúdico e o pedagógico". Essa especificidade do brinquedo educativo permite reunir, dentro da mesma situação, o brincar e o educar, o que é fundamental para a aprendizagem do aluno.

Os procedimentos metodológicos adotados incluem a análise de referência bibliográfica, que tem por finalidade viabilizar a coleta de informações por meio da literatura e a compreensão aprofundada das festividades e práticas culturais indígenas contextualizadas por meio da narrativa autobiográfica.

A coleta de informações para a narrativa autobiográfica foi realizada por meio de imagens e pela organização de relatos escritos acerca das experiências culturais vivenciadas e a análise destas informações foi realizada através da técnica de análise de conteúdo conforme Bardin (2011).

Neste sentido, conforme Lima e Miotto (2007), a pesquisa bibliográfica é um procedimento metodológico essencial para a construção do conhecimento científico, pois permite ao pesquisador revisar obras publicadas e estabelecer um diálogo crítico com o material coletado. Além disso, as narrativas, seja por meio de relatos escritos ou orais, ampliam a compreensão dos significados culturais e simbólicos atribuídos às festividades.

Esses dois métodos permitem analisar como os jogos indígenas contribuem para o desenvolvimento integral dos alunos, valorizando suas tradições e promovendo o respeito à diversidade cultural. Adicionalmente, é importante destacar que a integração dessas práticas

no ambiente escolar exige uma formação adequada dos professores, que devem estar preparados para abordar temas relacionados à diversidade cultural e à educação intercultural. Essa prática reflexiva permite que os educadores criem estratégias pedagógicas inovadoras, utilizando os jogos e brincadeiras indígenas como ferramentas para o ensino e a aprendizagem.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados apresentam-se organizados em duas categorias, sendo a primeira : *Jogos e Brincadeiras tradicionais Akwẽ-Xerente na aldeia e a Festa Tradicional Dasípe – Povo Xerente* e a segunda categoria “*A importância dos Jogos e Brincadeiras Indígenas na Educação Intercultural*”

Jogos e Brincadeiras tradicionais Akwẽ-Xerente na aldeia e a Festa Tradicional Dasípe – Povo Xerente

Essas fotos foram registradas durante o Dasípe, uma das celebrações mais significativas do povo Akwẽ-Xerente, realizada em 2024, na Aldeia Salto Kripre, município de Tocantínia (TO). Os registros fotográficos foram realizados pela fotógrafa Juliana Dias, profissional contratada pela comunidade da aldeia especialmente para documentar o evento. As imagens cumprem um papel fundamental na preservação da memória visual e na divulgação responsável da cultura Xerente, servindo como fonte de pesquisa e valorização das tradições do povo.

Durante a celebração, toda a comunidade se reúne para vivenciar práticas que expressam a riqueza simbólica e educativa da cultura Xerente. Entre as manifestações, destacam-se a nomeação de crianças, as pinturas corporais com grafismos tradicionais, as danças e cantos sagrados e o compartilhamento de saberes ancestrais entre anciãos e jovens. Essas práticas ultrapassam o caráter meramente festivo, pois representam verdadeiras pedagogias culturais, nas quais o aprendizado ocorre por meio da observação, da escuta e da participação coletiva. Assim, os valores transmitidos – como o respeito à natureza, à coletividade e à espiritualidade – são internalizados de forma vivencial, consolidando um processo de educação comunitária e intergeracional.

As atividades tradicionais, como a corrida com tora de buriti, a corrida com varinha e a disputa com arco e flecha, simbolizam força, coragem, resistência e união. Cada gesto e movimento carrega um significado que vai além do aspecto físico, representando dimensões espirituais e sociais da existência Akwê-Xerente. Tais práticas fortalecem os laços comunitários e expressam uma visão de mundo em que corpo, território e espírito estão intrinsecamente interligados. Como ressaltam Bringel et al. (2020), os jogos e brincadeiras Xerente são “formas de manifestação da coletividade, em que o corpo é mediador de saberes culturais e instrumento de resistência identitária”.

O Dasípe é, portanto, mais do que uma simples festa: constitui-se como um rito de reafirmação cultural. Crianças, jovens, adultos e anciãos participam com entusiasmo, orgulho e senso de pertencimento. Esse momento celebra a continuidade dos saberes tradicionais Xerente, fortalecendo a memória coletiva e reafirmando a importância da educação cultural e espiritual no cotidiano das aldeias. O aprendizado, nesse contexto, não se restringe à escola formal, mas se manifesta nas vivências cotidianas, nas relações comunitárias e nas experiências corporais que traduzem os valores do povo.

Essa celebração evidencia como o povo Xerente mantém viva sua cosmovisão, baseada no equilíbrio entre o ser humano, a natureza e o mundo espiritual. Por meio do Dasípe, o povo reafirma sua resistência cultural diante das influências externas e reafirma sua identidade coletiva. A tradição, nesse sentido, não é algo fixo ou preso ao passado, mas um elo dinâmico que une passado, presente e futuro, renovando-se a cada geração por meio do brincar, do ritual e da partilha de saberes.

Figura 1 – Nomeação das crianças durante a Festa Tradicional Dasîpe, Povo Akwê-Xerente (Aldeia Salto Kripre, Tocantínia/TO, 2024).



Fonte: Juliana Dias, fotógrafa contratada pela comunidade da Aldeia Salto Kripre (2024).

Figura 2 – Jovens e anciãos durante a cantoria do Das pe, percorrendo as casas das crianças nomeadas (Aldeia Salto Kripre, Tocantínia/TO, 2024)



Fonte: Juliana Dias, fotógrafa contratada pela comunidade da Aldeia Salto Kripre (2024).

Neste registro, observa-se um momento profundamente simbólico da Festa Tradicional Das pe, em que jovens e anciãos participam juntos da cantoria ritualística, percorrendo as casas das famílias da aldeia. Essa prática ocorre logo após a apresenta o e a nomea o das crianças, marcando o segundo momento da celebra o. A cantoria itinerante, que passa de

casa em casa, tem como propósito anunciar e celebrar os nomes das crianças recém-nomeadas, reforçando o pertencimento delas à comunidade e ao clã ao qual passam a integrar.

Mais do que uma manifestação musical, essa prática representa uma forma de transmissão oral de saberes, em que os mais velhos conduzem os cânticos sagrados, e os mais jovens aprendem observando, repetindo e sentindo a força espiritual das palavras entoadas. A voz coletiva ecoa como um elo entre gerações, reafirmando a importância da oralidade como patrimônio imaterial e como meio de educação cultural e emocional. Ao participar desse momento, os jovens não apenas aprendem as melodias e os significados das canções, mas também internalizam valores como respeito, coletividade, ancestralidade e continuidade da tradição.

Essa cantoria que percorre as casas é, portanto, uma expressão viva da pedagogia Xerente, na qual o conhecimento é compartilhado em comunidade, fortalecendo os vínculos afetivos e espirituais.

Figura 3 e 4 – Crianças da Aldeia Salto Kripre participando da Festa Tradicional Dasípe (Tocantínia/TO, 2024).



Fonte: Juliana Dias, fotógrafa contratada pela comunidade da Aldeia Salto Kripre (2024).

Nesta terceira e quarta imagem, observamos um dos aspectos mais significativos da Festa Tradicional Dasípe: a presença ativa das crianças nas celebrações e rituais da aldeia. Desde muito cedo, elas participam dos eventos comunitários, acompanhadas por suas famílias e pelos anciãos, o que evidencia a importância de aprender participando. Essa participação não é apenas uma presença simbólica, mas uma forma concreta de transmissão de saberes e valores culturais, que se dá pela convivência, pela observação e pela prática coletiva.

Ao vivenciarem esses momentos, as crianças compreendem o sentido de pertencimento ao seu povo, aprendem sobre seus clãs, suas tradições e sua espiritualidade. A educação, nesse contexto, não se limita à dimensão formal, mas se expressa no cotidiano da aldeia, onde cada gesto, canto ou pintura corporal carrega significados pedagógicos. Essa aprendizagem pela experiência reforça o vínculo entre gerações e assegura a continuidade da identidade Akwê-Xerente, revelando que a infância é também um espaço de iniciação cultural e de formação do ser coletivo. A presença das crianças nas festas tradicionais, portanto, sustenta o princípio da educação comunitária indígena, na qual o saber não se separa da vida.

Figura 5 – Dança circular das equipes femininas após a corrida de tora, durante a Festa Tradicional Dasîpe (Aldeia Salto Kripre, Tocantínia/TO, 2024).



Fonte : arquivo pessoal

A quinta imagem retrata um dos momentos mais expressivos e simbólicos do Dasîpe, quando, após a prática da corrida de tora das mulheres, as duas equipes femininas se reúnem em círculo para celebrar o encerramento do dia com dança e cantoria. Esse instante revela não apenas a força física e a resistência das participantes, mas também o espírito coletivo e espiritual que permeia toda a celebração. A corrida de tora, nesse contexto, ultrapassa o

caráter competitivo e se transforma em um ato de união e de reverência aos antepassados, reafirmando os laços entre corpo, território e ancestralidade.

A dança circular que sucede a corrida simboliza o equilíbrio e a harmonia entre as metades rituais, expressando, por meio do movimento, a continuidade da vida e a interdependência entre os membros da comunidade. Cada passo, cada canto e cada gesto corporificado na roda traduzem valores de cooperação, respeito e pertencimento coletivo, pilares da educação tradicional Akwê-Xerente. Essa celebração final é um momento de alegria e gratidão, em que o corpo se torna linguagem espiritual e o canto, um elo que une o humano ao sagrado.

A análise das imagens registradas durante a Festa Tradicional Dasîpe, na Aldeia Salto Kripre, revela a profundidade e a complexidade simbólica das práticas culturais do povo Akwê-Xerente. Cada fotografia constitui um testemunho vivo da força da tradição e da continuidade dos saberes ancestrais, evidenciando que, para o povo Xerente, educar é também celebrar, vivenciar e compartilhar.

As cenas de nomeação das crianças, as cantorias conduzidas pelos anciãos, a presença ativa da infância nas celebrações e as práticas corporais coletivas — como a corrida de tora e as danças circulares — traduzem um modo próprio de ensinar e aprender, no qual o conhecimento é construído a partir da experiência, da oralidade e da convivência comunitária. As imagens mostram que o aprendizado não está restrito à escola formal, mas se manifesta nos rituais, nas brincadeiras e nas relações espirituais com o território e com o outro.

Esses registros visuais, realizados pela fotógrafa Juliana Dias em parceria com a comunidade, tornam-se também um instrumento de memória e resistência cultural, assegurando que as futuras gerações possam reconhecer-se em suas tradições e valorizar os saberes de seus antepassados. Ao mesmo tempo, reforçam o potencial educativo das práticas culturais como elementos fundamentais para a construção de uma educação intercultural, que reconheça a diversidade como fonte de conhecimento e não como diferença a ser superada.

As imagens apresentadas reforçam o sentimento de pertencimento cultural, uma vez que evidenciam a participação coletiva de crianças, jovens e anciãos nos rituais e brincadeiras tradicionais, fortalecendo os vínculos identitários e a transmissão intergeracional dos saberes. Cada registro visual representa não apenas um momento festivo, mas um processo educativo vivido no corpo, na oralidade e na coletividade.

A explicação contextual de cada imagem evidencia como as práticas culturais funcionam como pedagogias próprias do povo Akwê-Xerente, nas quais aprender significa participar, observar e vivenciar, reforçando a identidade indígena desde a infância.

Portanto, as fotografias aqui apresentadas não representam apenas momentos estéticos ou rituais: elas expressam a essência de um povo que resiste, ensina e celebra por meio do corpo, do canto e da coletividade. Cada imagem é, em si, uma lição de pertencimento, espiritualidade e sabedoria, que reafirma a importância de integrar os saberes tradicionais aos processos educativos. Assim, a leitura dessas imagens ultrapassa o olhar contemplativo e se torna um ato de reconhecimento da pedagogia viva do povo Akwê-Xerente, cuja força cultural inspira uma educação mais humana, inclusiva e sensível à diversidade dos povos originários do Brasil.

A Importância dos Jogos e Brincadeiras Indígenas na Educação Intercultural.

O reconhecimento da pluralidade cultural no cenário educacional brasileiro tem impulsionado reflexões sobre práticas pedagógicas que contemplem a diversidade de saberes, experiências e formas de vida presentes nos diferentes povos que compõem o país. Nesse contexto, os jogos e brincadeiras indígenas surgem como elementos fundamentais para a construção de uma Educação Intercultural comprometida com o respeito à diferença e com a valorização dos conhecimentos tradicionais.

Mais do que simples atividades recreativas, essas práticas lúdicas são expressões profundas de identidade, espiritualidade, pertencimento e relação com a natureza. Incorporar tais elementos na escola é ampliar o olhar sobre o currículo e permitir que a educação dialogue com outras cosmologias, especialmente aquelas que historicamente foram silenciadas ou marginalizadas.

Esta categoria propõe uma reflexão sobre a importância dos jogos e brincadeiras indígenas no contexto da educação intercultural, destacando como essas práticas contribuem para a formação integral dos sujeitos e para a construção de uma pedagogia sensível à diversidade cultural. A partir de exemplos concretos e de referenciais teóricos que sustentam essa abordagem, busca-se evidenciar como o corpo, o território, o tempo e a coletividade se articulam nas manifestações lúdicas dos povos originários, reforçando seu potencial educativo, identitário e transformador.

As atividades lúdicas presentes na cultura indígena brasileira são expressões fundamentais de suas identidades culturais, pois estão profundamente ligadas à formação dos sujeitos desde a infância, contribuindo para a construção de valores, significados e modos próprios de existência. Nesse sentido, trazer essa temática para a prática pedagógica no contexto da educação escolar indígena é também reconhecer e fortalecer uma educação intercultural, que valoriza as vivências corporais, os saberes tradicionais e a diversidade cultural como elementos estruturantes do processo educativo.

Ao reconhecer os jogos e brincadeiras como saberes legítimos, que extrapolam o universo da recreação e se configuram como práticas culturais carregadas de sentido, é possível promover princípios como o respeito mútuo, a valorização da diferença e o reconhecimento das múltiplas formas de conhecimento. Assim, esses saberes lúdicos tornam-se mediadores importantes na formação das crianças, possibilitando o desenvolvimento de competências cognitivas, emocionais e sociais alinhadas ao seu contexto cultural, sendo essencial que recebam a devida atenção no planejamento pedagógico.

Nesse contexto, o *Manual Bilingue de Jogos e Brincadeiras Indígenas*, elaborado por Patrícia Rossi dos Reis (2020), constitui-se como uma significativa proposta para integrar o conhecimento ancestral dos povos indígenas às práticas pedagógicas da Educação Física escolar. Mais do que um repositório de atividades, o manual apresenta-se como uma ferramenta para o diálogo intercultural, ao sistematizar e compartilhar práticas corporais que resistem ao apagamento histórico e promovem a reconexão dos estudantes com sua identidade étnica. A autora propõe o resgate, a sistematização e a disseminação dessas atividades tradicionais, promovendo, por meio delas, o diálogo intercultural, a sustentabilidade e o fortalecimento da identidade cultural dos estudantes.

Segundo Reis (2020, p. 9), “o resgate de jogos e brincadeiras de seus antepassados, por meio da pesquisa com pessoas mais velhas de sua convivência, ocorreu com o intuito de vivenciá-las para que as mesmas não caíssem no esquecimento”. Essa metodologia participativa fortalece o protagonismo juvenil e valoriza os saberes orais, muitas vezes excluídos dos espaços formais de ensino. Dessa forma, a inserção desses elementos na escola contribui não apenas para a preservação cultural, mas também para a construção de uma educação mais sensível, crítica e inclusiva, que considera os corpos, os territórios e as histórias de seus sujeitos.

Ampliando essa perspectiva, o povo indígena Akwê-Xerente, situado no estado do Tocantins, manifesta uma riqueza cultural singular, revelada em práticas cotidianas que integram corporeidade, território, natureza e espiritualidade. O estudo de suas práticas culturais — especialmente aquelas associadas ao lazer — demonstra aspectos de resistência, pertencimento e identidade que desafiam e contrastam com as concepções ocidentais de tempo livre, lazer e consumo. Com base no artigo de Soares e Debortoli (2018), este trabalho propõe analisar os elementos da territorialidade, da alteridade, da sustentabilidade e do lazer entre os Akwê-Xerente, com o objetivo de valorizar as concepções próprias de vivenciar o mundo e, ao mesmo tempo, contribuir para o reconhecimento e a promoção da diversidade cultural nos espaços educativos.

Compreender o lazer no contexto intercultural requer a superação da concepção moderna e ocidental que o associa exclusivamente ao tempo livre e ao entretenimento. Para Bahia e Sampaio (2005), o lazer pode ser compreendido como uma forma de linguagem identitária e de resistência cultural. Nesse sentido, todas as manifestações culturais indígenas — inclusive as lúdicas — estão diretamente relacionadas ao seu modo de vida, constituindo um campo simbólico onde se articulam tempo, corpo, território e ancestralidade.

O povo Akwe-Xerente organiza-se em duas metades: Doí (sol) e Wahirê (Lua), que é construção não apenas voltada para parentesco e os casamentos, mas também cosmovisão ligado a natureza, os rituais e as práticas corporais. A pintura corporal, as danças e as brincadeiras fortalecem pertencimento a essas duas metades, na soma de todas essas expressões podemos afirmar como marcadores de identidade. O território Xerente, apesar de ser reconhecido oficialmente, ainda passa por pressões externas vindo de fazendeiros, e projetos do Estado, o que torna a vivência cotidiana uma forma de resistência. A língua materna Akwê-Xerente é símbolo importantíssimo na preservação da sua identidade cultural, pois é a partir disso que saberes da sua cultura são transmitidos de geração para geração, sendo fundamentais para a continuidade da memória coletiva e das práticas tradicionais.

As práticas culturais de lazer como banhar no rio, mais do que uma prática de higiene, é uma experiência comunitária, espiritual e lúdica. Pois nele, tantas crianças como jovens e adultos interagem com o bilhete natural, fortalecendo vínculos afetivos e exercitando a coletividade. Essa prática revela uma relação de respeito e integração com a natureza, onde o rio não é apenas um recurso para necessidade básica, mas um entidade viva que participa da vida comunitária.

A corrida de Tora (Kuiwdê) é uma atividade coletiva que envolve força, resistência e cooperação. Organizado por metades rituais, ela fortalece laços comunitários, e reafirma princípios de valores como solidariedade, respeito e disciplina. Mais que um jogo, essa prática de corrida tem seu simbolismo importante que é esforço conjunto para manter a cultura e tradição viva. A roda de conversas e artesanatos, as conversas entre anciãos e jovens constituem momentos essenciais aprendizagem, memória e socialização. Nessas rodas, transmitem-se histórias, cantos, conselhos e saberes que não estão nos livros, mas que sustenta a cultura viva dos Akwê-Xerente. O artesanato também cumpre essa função educativa e identitária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise realizada permitiu compreender que os jogos e brincadeiras tradicionais do povo Akwê-Xerente ultrapassam o caráter recreativo, configurando-se como verdadeiras práticas educativas, culturais e identitárias. Ao integrar essas atividades ao currículo escolar, especialmente na Educação Física, a escola contribui não apenas para o desenvolvimento motor e cognitivo dos alunos, mas também para a valorização da diversidade e o fortalecimento das identidades indígenas.

Os resultados deste estudo reforçam que os jogos e brincadeiras indígenas são expressões de coletividade, solidariedade e respeito à natureza, valores fundamentais para a formação ética e social. A presença dessas práticas no ambiente escolar amplia as possibilidades pedagógicas e promove uma educação intercultural que reconhece os diferentes modos de aprender e de viver.

A vivência prática dos jogos e brincadeiras tradicionais, tanto na infância quanto ao longo da formação acadêmica do autor, evidenciou transformações significativas na compreensão do papel educativo dessas práticas, que vão além do lazer e se consolidam como instrumentos pedagógicos e identitários. Destaca-se, nesse sentido, a pedagogia indígena como uma pedagogia do corpo, da coletividade e da ancestralidade, que oferece múltiplas possibilidades de pesquisa e intervenção educacional, especialmente no que se refere ao desenvolvimento da identidade cultural e à preservação da história e do contexto indígena.

Além disso, a pesquisa destaca a importância da formação docente voltada à diversidade cultural, para que professores estejam preparados para trabalhar os jogos indígenas de forma respeitosa e contextualizada. Assim, os educadores tornam-se mediadores de saberes, articulando o conhecimento científico com os conhecimentos tradicionais. Conclui-se, portanto, que os jogos e brincadeiras Xerente constituem poderosos instrumentos pedagógicos e culturais, capazes de fortalecer o vínculo entre escola e comunidade, resgatar saberes ancestrais e inspirar práticas educativas mais inclusivas, humanas e coerentes com a pluralidade que caracteriza o Brasil.

LIMITAÇÕES DO ESTUDO E RECOMENDAÇÕES PARA PESQUISAS FUTURAS

Entre as limitações do estudo, destaca-se a escassez de produções acadêmicas específicas sobre os jogos e brincadeiras do povo Akwẽ-Xerente, o que evidencia a necessidade de ampliação das pesquisas nessa área.

Recomenda-se que pesquisas futuras aprofundem o estudo dos jogos e brincadeiras indígenas como possibilidades pedagógicas para o fortalecimento da identidade cultural, a preservação da memória histórica e a construção de práticas educativas interculturais nas escolas indígenas e não indígenas.

REFERÊNCIAS

- BAHIA, Juarez; SAMPAIO, José. **O lazer como forma de resistência cultural: práticas sociais em comunidades indígenas.** *Revista Licere*, v. 8, n. 3, 2005.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2011, 229 p.
- BRASIL. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008.** Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Diário Oficial da União, Brasília, DF, 11 mar. 2008. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm. Acesso em: 26 de março de 2025
- BRINGEL, Denise Araújo; XERENTE, Tiago Wakukepré; VALADARES, Florence Rodrigues; MELO, Gislane Ferreira de. **Brinquedos, jogos e brincadeiras Akwê-Xerente.** *Revista Pensar a Prática*, v. 23, e57941, 2020.
- KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O jogo e a educação infantil.** São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.
- LAVE, Jean; WENGER, Etienne. **A teoria da aprendizagem situada: Legitimate Peripheral Participation.** Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- LIMA, Maria Socorro Lucena; MIOTO, Regina Célia Tamasso. **Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica.** *Revista Katálysis*, Florianópolis, v. 10, n. spe, p. 37-45, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/katalysis/article/view/S1414-49802007000300004/5742>> Acesso em: 26 de março de 2025.
- MARQUES, Fabiano Rodrigues; SOARES FILHO, Valtuir; ROCHA, Damião. **Jogos e brincadeiras Akwê-Xerente como estratégia para a educação étnico-racial: uma análise bibliométrica sob a perspectiva da Lei nº 11.645/08.** *Revista Acadêmica Online*, v. 10, n. 54, p. 1-22, 2024.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 25. ed. rev. atual. Petrópolis: Vozes, 2007. 108 p. (Coleção temas sociais).
- REIS, Patrícia Rossi dos. **Manual Bilingue de Jogos e Brincadeiras Indígenas.** Manaus: PROFCIAMB, 2020.
- SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia.** São Paulo: Hucitec, 1996.
- SOARES, Khellen Cristina Pires C.; DEBORTOLI, José Alfredo Oliveira. **Indígenas Akwê-Xerente: territorialidade, alteridade, temporalidade, sustentabilidade e lazer.** *Licere - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer*, v. 21, n. 3, p. 201-225, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/1650>
Acesso em: 10 abr. 2025